

Evanildo Bechara: o percurso dos estudos gramaticais e suas perspectivas

Evanildo Bechara: the path of his grammatical studies and its perspectives

Nancy dos Santos Casagrande*

Neusa Barbosa Bastos**

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir a importância dos estudos gramaticais desde a década de 1970, século XX, até a década de 2010, século XXI, por meio de textos publicados pelo emérito Prof. Dr. Evanildo Bechara, filólogo, gramático e linguista de primeira ordem. Nosso enfoque será o final da década de 1970, com o lançamento do livro “Ensino de Gramática. Opressão? Liberdade?”, no qual expôs uma intrigante reflexão sobre o estado do ensino de Língua Portuguesa no Brasil, mais especificamente, sobre o ensino de gramática.

Palavras-chave: Gramática, Ensino, Língua Portuguesa

ABSTRACT

This article aims at discussing the importance of grammatical studies from the 1970's until the decade of 2010 through texts published by the emeritus Professor Dr. Evanildo Bechara, prominent philologist, grammarian and linguist. Our focus

Articelistas convidados

<http://dx.doi.org/10.18364/rc.2021nEsp.499>

*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nancy.casagrande@gmail.com, orcid.org/0000-0003-1501-5216

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, bastos@mackenzie.br, orcid.org/0000-0001-5529-4606

Confluência. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, Especial 30 anos, p. 544-563, junho 2021

will be on the last few years of the 1970s, with the publication of the book “Ensino de Gramática. Oppression? Liberdade?” (“The Teaching of Grammar: Oppression? Liberty?”), in which he stated an intriguing reflection on the situation of Portuguese language teaching in Brazil, more specifically, on the teaching of grammar.

Keywords: Grammar, Teaching, Portuguese Language

“Temos de ser um ‘poliglota’ dentro de nossa própria língua. Devemos saber usar as muitas variantes da língua nos momentos adequados.”

(Evanildo Bechara)

Objetivamos discutir a importância dos estudos gramaticais desde a década de 1970, século XX, até a década de 2010, século XXI, por meio de textos publicados pelo emérito Prof. Dr. Evanildo Bechara, filólogo, gramático e linguista de primeira ordem. Em primeiro lugar, enfocaremos o final da década de 1970, com o lançamento do livro “Ensino de Gramática. Opressão? Liberdade?”, no qual expôs uma intrigante reflexão sobre o estado do ensino de Língua Portuguesa no Brasil, mais especificamente, sobre o ensino de gramática. Sem sombra de dúvida, suas reflexões, ainda hoje, fazem o leitor repensar seriamente sobre o cidadão que a escola brasileira pretende formar. Isso, por si só, já seria uma imensa contribuição para o ensino de Português. Mas o alcance do livro é maior, na medida em que toca a questão central, que é justamente o ensino de Português. Por essa razão, o objetivo deste artigo é encontrar, não só no livro acima citado, mas também em capítulos publicados e em prefácio de outras de sua autoria, a figura de Evanildo Bechara e suas considerações acerca do ensino de Língua Portuguesa.

Inicialmente, lembremos sua ponderação acerca da apresentação das três gramáticas existentes: gramática geral, descritiva e normativa. Sob a sua ótica, o professor recorre somente às duas primeiras, descartando a gramática normativa, que realmente ajudaria na educação linguística do aluno. Tal

postura deveria ser lembrada por todos os professores que estão em contato com os alunos diariamente, uma vez que a concepção de norma deve ser retomada a cada passo no ensino de Língua Portuguesa.

Por norma linguística, entendemos, como Coseriu (1979), que a língua pode ser vista a partir de dois níveis de abstração: o sistema como o conjunto de possibilidades de uma língua, definindo o que pode e não pode ser linguisticamente realizado e a norma como conjunto de imposições sociais e culturais que favorecem o uso de determinadas possibilidades do sistema em detrimento de outras. Tais conceitos são adotados por Bechara que se baseou no linguista citado e que conheceu um grande professor que deixou muitas contribuições para o ensino de Língua Portuguesa: Manoel de Said Ali, cuja amizade profícua permitiu-lhe refletir sobre o campo linguístico, trilhando caminhos cada vez mais instigantes em seus estudos.

Evanildo Bechara é um propagador de sua língua, de seus conhecimentos, um seguidor de preceitos que tem plena consciência de que eles são para serem refletidos, analisados, antes de serem ensinados aos alunos. Em sua obra, há sempre a preocupação com a reflexão sobre a prática pedagógica, numa incessante busca de tornar o aluno *um poliglota na sua própria língua*, tornando-o autônomo

à medida que dispõe da sua modalidade lingüística e está à altura de decodificar mais algumas outras modalidades lingüísticas com as quais entra em contacto, quer aquela utilizada pelas pessoas culturalmente inferiores a ele, como aquelas a serviço das pessoas culturalmente superiores a ele. (Bechara, 2004,13-14)

Estudioso incansável, Bechara destaca-se como um professor reflexivo, pois sempre parte da gênese e da crítica dos conceitos antes de opinar sobre os conteúdos de sua área. Com grande propriedade, consegue transpor didaticamente para seus livros todo o conhecimento acumulado ao longo dos anos, das viagens, dos estudos, das pesquisas e da preparação de suas aulas, no campo universitário. Esse procedimento mostra-se como

resultado de suas avaliações, investigações, aprofundamento, análise e crítica das gramáticas e das novas perspectivas teóricas linguísticas.

Desse modo, podemos afirmar que um dos grandes méritos do professor Bechara é mostrar que regras gramaticais de uma língua são diferentes da gramática de uma língua. Para explicar melhor essa diferença, sua proposta é a de que os professores trabalhem a gramática, não como um livro a ser lido e decorado, mas sim lido de maneira crítica e reflexiva, tendo como pano de fundo a concepção de que língua é uma abstração que só se concretiza em diferentes normas sociais e linguísticas e sempre de acordo com os usos dos falantes ou mesmo com as linguagens. Além disso, os professores devem conscientizar-se de que as regras gramaticais não são para serem decoradas, pois elas são paradigmas de conhecimento: estão entre a formalização da língua e as variações linguísticas. Ademais, como o próprio professor afirma:

cada modalidade da língua tomada homogênea e unitariamente, ou, em outros termos, toda língua funcional – como a entende o lingüista Eugenio Coseriu – tem a sua gramática como reflexo de uma técnica lingüística que o falante domina e que lhe serve de intercomunicação na comunidade a que pertence ou em que se acha inserido. (Bechara, 2004:13).

De acordo com Cavallet (1999), um profissional autônomo é aquele que demonstra *capacidade profissional em conceber e implementar novas alternativas, diante da crise e dos problemas da sociedade*. Em “Ensino de Gramática. Opressão? Liberdade?”, Evanildo Bechara aponta para algumas crises relacionadas ao ensino de Português. A primeira delas é uma crise de natureza institucional, que tem levado ao privilégio do padrão popular e informal de linguagem, em detrimento do uso do padrão culto, o que àquela época – já marcava Bechara – produzia grande distanciamento entre os registros de linguagem de Português. Uma segunda crise a que ele se refere é àquela localizada na universidade, que, em seu tempo, absorvia as, então, novas teorias linguísticas e as ensinava de modo conflitante e sem as devidas associações com o ensino de Português, de modo que não concorriam

para a maturidade doutrinária delas mesmas, como também dificultavam o desenvolvimento de um saber elocucional, idiomático e expressivo por parte dos alunos. Por fim, a terceira crise a que Bechara se refere é aquela localizada na escola, que não faz as distinções necessárias entre gramática geral, gramática descritiva e gramática normativa. Isso faz com que os professores se atenham aos dois primeiros tipos, desprezando o terceiro, justamente aquele que concorre a uma ampliação no desenvolvimento linguístico do aluno na efetivação de seu potencial idiomático.

Em meio a essa crise, uma clara luta se desenhava entre o “tradicionalismo” e as inovações propostas pelas teorias linguísticas emergentes (e, então, mal aproveitadas), cujos estudos no Brasil foram divulgados especialmente por Manoel de Said Ali e Joaquim Mattoso Câmara Jr. Não se podia perder de vista que o foco do ensino de Língua Portuguesa sempre deveria ser o desenvolvimento do aluno como cidadão. É por essa razão que Evanildo Bechara vai trilhar dois percursos interessantes, que abordaremos aqui, a fim de mostrar sua postura de professor: o primeiro dos percursos é o que se volta para a Educação Linguística; o segundo, o da absorção lenta, gradativa e equilibrada das novas teorias linguísticas aplicadas ao ensino de Português.

Apoiado nos estudos realizados pelo italiano Raffaele Simone, Evanildo Bechara propõe a Educação Linguística como uma prática voltada para o desenvolvimento do cidadão, que se vale da linguagem para obter sucesso em suas interações sociais. Nesse sentido, para o autor, a escola deve conceber a linguagem não mais como código ou sistema homogêneo, mas repleto de possibilidades, de funções (instrumental, regulador, interpessoal, pessoal, heurística, imaginativa e representativa) e de variações decorrentes de fatores históricos, regionais e pessoais; deve se conscientizar de que a linguagem varia de acordo com a situação sócio histórica em que o indivíduo se encontra. Dessa maneira, deve ensinar com o intuito de transformar o falante em *poliglota na sua própria língua*.

No modo de entender de Evanildo Bechara, tendo em vista, por comparação, a proposta de educação linguística, o currículo tradicional que se põe em execução na década de 1970 mostra-se, em geral, antieconômico, banal, inatural e, por isso mesmo, improdutivo. Antieconômico por ensinar aos alunos o que eles já dominam graças ao saber linguístico prévio; banal, porque o tipo de informações que são subministradas aos alunos nada ou pouco adiantam à capacidade operativa do falante; inatural, porque muitas vezes segue o caminho estruturalmente inverso à direção do desenvolvimento linguístico dos alunos, partindo dos componentes linguísticos não dotados de significação para os dotados dela, isto é, da fonética e fonologia para a morfologia e, depois, a sintaxe e a semântica.

Nesse sentido, para o autor, é dever não só dos educadores e de todos que militam nas escolas, mas também das autoridades federais e estaduais e da sociedade como um todo, enfrentar este problema, concorrendo para sua solução, pois o destino da educação se confunde com o próprio destino dessa mesma sociedade. De modo mais específico, a tarefa do professor de língua materna é buscar a cultura integral do aluno, é fazê-lo entrar no mundo maravilhoso das informações que veiculam os textos literários e não – literários, modernos e antigos, de modo que o conhecimento de língua materna se torne uma ocasião propícia para abrir os limites de uma educação especificamente linguística. Compete, pois, ao professor de Português ministrar aos seus alunos conteúdos capazes de levá-los à compreensão do mundo que os cerca, nos mais variados campos do saber.

Passando a outras obras, é de se notar que Evanildo Bechara demonstra grande e perene preocupação com o ensino de Língua Portuguesa¹ e, por extensão, com a atuação do professor de Português. Aqui, conforme dissemos, tentaremos recuperar a imagem de Evanildo Bechara – professor,

1 As últimas palavras do prefácio à primeira edição do “Lições de Português pela análise sintática” confirmam tal preocupação do autor: *a satisfação de ter contribuído para o aperfeiçoamento do ensino da análise sintática.*

que sobressai nos prefácios de seus livros “Lições de Português pela análise sintática” e “Moderna Gramática Portuguesa”. O primeiro livro, mais prático, apresenta exercícios e várias reflexões sobre a sintaxe, assunto que amedronta os alunos e preocupa igualmente os professores. O ensino de sintaxe tem sido problemático, pois os alunos estudam-na durante anos a fio e muitos chegam ao curso de Letras, sem sabê-la, pedindo que os professores apresentem novamente conceitos em sala de aula. O interesse por esse assunto foi tão grande por parte dos diferentes leitores, que tal compêndio já estava, em 2005, na 17ª. Edição revista e ampliada. O segundo compêndio:

Mais que um livro de referência para especialistas, esta obra, revista e ampliada, oferece ao leitor o extraordinário universo que é a língua portuguesa em suas múltiplas manifestações e reúne a maior coletânea de assuntos gramaticais até agora estudados. (1ª. orelha da MGP, 37ª. Edição)

Escrito com o intuito de *conferir à análise sintática a posição adequada no ensino de nossa língua*, “Lições de Português pela análise sintática” foi publicado em março de 1960, mesma época de promulgação da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), ano também das publicações de Celso Pedro Luft e de Adriano Kury, ambas com a intenção de explicar e exemplificar a NGB para os leitores. Embora não tenha sido este o objetivo primeiro de Evanildo Bechara, ele faz menção direta à NGB, quando afirma *levei em consideração a Nomenclatura Gramatical Brasileira, mas em alguns pontos, tomei a liberdade de propor à douta Comissão e aos colegas de magistério orientação diferente que me pareceu mais acertada.*

Não há dúvida de que nessa passagem do prefácio à primeira edição do “Lições de Português pela análise sintática” já se pode contemplar a postura de professor que marca Evanildo Bechara: a de não só estar atento ao que de mais importante ocorre nos estudos relativos à Língua Portuguesa, em geral, e à língua, em particular, como também não as aceitar passivamente, mas de modo crítico, reflexivo e produtivo. É nesse sentido que, como explícita

demonstração de humildade, ele propõe à *douta comissão e aos colegas de magistério orientação diferente* que a ele pareceu mais acertada.

Essa mesma humildade se reapresenta quando ele afirma sua gratidão e seu reconhecimento aos mestres que serviram de base doutrinal, embora não lhes siga as pegadas em sua totalidade. No prefácio à segunda edição (junho de 1961), o gramático cita textualmente o nome daqueles a quem chama de *mestres e amigos*²: Martinz de Aguiar, Antenor Nascentes, Adauto Pontes, Adriano da Gama Kury, Othon Garcia, Olmar Guterres, Artur Loureiro de Oliveira Filho, seguidos de Júlio Nogueira, Sousa da Silveira, Ismael de Lima Coutinho, Rocha Lima, Paulo Rónai, e ainda Said Ali, Mário Barreto e Epifânio da Silva Dias. Vê-se ainda reapresentada a humildade do gramático quando deixa clara sua pretensão, que é a de *estimular o gosto pela língua portuguesa*.

Ainda no prefácio à segunda edição, Evanildo Bechara revela que, para a produção da primeira, ele se valeu da *leitura dos sugestivos livros de Matoso Câmara Jr, Leonard Bloomfield e Charles Bally*. No entanto, por *comodidade didática*, ele preferiu filiar-se à maneira tradicional de encarar as questões relativas à sintaxe. A esse argumento, ele soma o de que a sintaxe é a área em que *com mais lentidão se pode romper com a larga tradição gramatical em que se alicerça nosso ensino*.

Quinze anos mais tarde seria lançada a décima edição do “Lições de Português pela análise sintática”. O autor considera que já era tempo de melhorar *alguns pontos que de há muito vinham destoando de conceitos divulgados pelo avanço dos estudos lingüísticos*. Todavia, dado o público a que o livro se destina, Evanildo Bechara preferiu *não enveredar por caminho diferente daquele que se costuma chamar de tradicional*, o que implica, segundo o autor, não aproveitar os estudos iniciados por Noam Chomsky (1957). Sua justificativa para não se valer dos estudos chomskyanos também é a de que eles *ainda apresentam ao professor de língua embaraços para*

2 Ao fazer isso, sua intenção era a de que *se registrassem as fontes onde os interessados pudessem colher notícia mais larga dos pontos aqui tratados*.

sua proveitosa utilização em compêndio escolar. A seguir, o autor faz uma dura afirmação em relação ao aproveitamento dos estudos de Chomsky para o ensino de Português:

Enfeitar as páginas iniciais com árvores, sob a ilusão de que esgotam a teoria transformacional, e logo depois confundir os novos conceitos com noções e posições tradicionais é jogar areia nos olhos do leitor incauto, mas é também aviltar-se perante o julgamento do leitor inteligente. Por outro lado, confundir as noções de teoria da comunicação com lições de língua é passar ao próprio autor atestado de ignorância em dois campos diferentes, mas contíguos, de estudo.

Notamos claramente que, embora Evanildo Bechara seja, desde o início de suas publicações, um autor atento aos estudos linguísticos de seu tempo, ele não os incorpora gratuitamente em seus livros, porque tem em mente sempre o leitor geral de seu livro e, principalmente, o professor, considerado como *quem o aplica, como compêndio paralelo, nas suas aulas a estudantes de língua portuguesa.*

Como vimos até aqui, a preocupação de Evanildo Bechara, com o ensino de Português, é oferecer ao professor de Língua Portuguesa um material de qualidade para o exercício de sua profissão. Sua postura, na verdade, revela um profissional envolvido com o seu trabalho, que entende seu papel, sua identidade e que não se conforma de modo passivo com a situação presente, mas com autonomia e responsabilidade, busca meios de melhorá-la.

No prefácio da 17^a. Edição, o professor Bechara nos mostra, por meio de suas palavras o caminhar cuidadoso de seu trabalho. Ele não se torna independente da NGB, e afirma-se filiado a ela, mas procura levantar questões pertinentes que mostram que há pontos que conflitam entre os estudos de sintaxe e os propostos pela NGB. Ele o faz de maneira respeitosa e reflexiva:

Saída em 1960, a presente obra passou por sucessivos melhoramentos nas edições subseqüentes até a 15^a., graças a estudos pessoais e à experiência de sala de aula, bem como às sugestões de colegas de magistério e ao

apoio dos três editores anteriores: Fundo de Cultura, Grifo Edições e Padrão Livraria Editora.

Em todas as edições, a obra esteve presa, na medida do possível, às recomendações da Nomenclatura Gramatical Brasileira.

(...) Todavia, como se trata de uma obra cuja filiação à NGB procuramos respeitar, optamos por apresentar a seguir uma relação, resumida quanto possível, de pontos em que elas diferem da doutrina e da nomenclatura da MGP (Moderna Gramática Portuguesa- explicação nossa e da GELP (Gramática Escola da Língua Portuguesa- idem).

É no prefácio que percebemos o postulado de fé do trabalho do professor homenageado, mostrando sua grande preocupação com o ensino:

Outra novidade desta edição é a correção de todos os exercícios, mediante os quais procuramos também apresentar aos colegas e, principalmente, aos alunos alguns comentários que julgamos úteis à atividade da análise sintática e ao seu estudo.

Se estes melhoramentos continuarem a merecer a simpatia dos colegas e promoverem o aproveitamento de alunos e estudiosos da sintaxe portuguesa, dar-nos-emos por bem pago.

Frente a essa postura do gramático enquanto professor não só preocupado com o processo de aprendizagem do aluno, mas também com o envolvimento do docente nesse processo, é que retiramos alguns exemplos do ensino de sintaxe na obra “Lições de Português pela análise sintática” a fim de mostrar como seu trabalho se faz. A lição VII que trabalha a noção de adjunto não apresenta meras definições de adjuntos adnominais e adverbiais. Ele as relaciona com a Interrogação direta e indireta, mostrando com propriedade e clareza a diferença de advérbios de base nominal e pronominal.

O adjunto adnominal não é um fato linguístico isolado, por isso Bechara discute também o emprego da vírgula quando aborda esse assunto.

O adjunto adverbial não é só sintaxe, ele também o imbrica com a semântica, por isso o autor acrescenta também os diferentes significados

possíveis de tais adjuntos: assunto, causa, companhia, concessão, condição, entre outras possibilidades.

Outro aspecto que nos chamou a atenção foi ele apresentar os pontos de contato entre o advérbio e o adjetivo, tão confundidos pelos iniciantes na arte da gramática.

Essas breves considerações sobre o capítulo VII, nos levam a afirmar que o autor se preocupa também com a coesão dos textos, pois inclui, de modo muito pertinente, o emprego de vários advérbios terminados em *mente*, por exemplo.

Podemos perceber, assim, que Evanildo Bechara considera o ensino gramatical, não um ensino puramente metalinguístico e, muito menos, um fim em si mesmo. A gramática e, especialmente, a análise sintática são importantes para que o estudioso da área tenha uma noção completa da Língua Portuguesa e que possa realizar operações de pensamento importantes, para o seu crescimento intelectual e de língua, tais como comparações, análises e sínteses. Nesse sentido, o estudo da gramática permite ao leitor perceber ambiguidades no texto que podem comprometer seu real sentido.

Como bom professor que é, o autor parte não só do conhecimento prévio dos leitores, mas também de conhecimentos mais simples para chegar aos mais complexos, a fim de permitir a assimilação de novos dados e a reflexão apurada sobre a língua. Devemos acrescentar, ainda, que Bechara não faz uma gramática fragmentada em partes estanques, mostrando que os diferentes conhecimentos dos níveis gramaticais se entrelaçam e não são absolutamente independentes, quais sejam: a morfologia, a sintaxe, a semântica e a estilística.

Importante é, em uma homenagem como essa, destacar algumas frases do professor Bechara que se tornaram célebres:

(...) que o aluno saiba escolher as modalidades adequadas a falar com gíria, a falar popularmente, a saber entender um colega que veio do Norte ou que veio do Sul, com os seus falares locais, e que saiba também, nos

momentos solenes, usar essa língua exemplar, que é o patrimônio da nossa cultura e que é o baluarte que esta Academia defende.

(...) a gramática normativa tem o seu lugar e não se anula diante da gramática descritiva, científica...

Nenhuma língua é per si clara ou obscura, o pensamento que através dela se comunica é que é claro, obscuro, contundente ou não. ³

Nenhum modo de falar é correto em si mesmo. (...) nenhum modo de falar é por si mesmo exemplar.⁴

De acordo com Pimenta & Anasatsiou (2002:113), *na construção da identidade do docente busca-se reelaborar os saberes inicialmente tomados como verdades, em confronto com as descrições das práticas cotidianas, que se tornaram auxiliares nesse processo e em relação à teoria didática.* Ao acompanhar a carreira de Evanildo Bechara, nota-se uma identidade em constante reelaboração na busca de melhorar sua prática profissional e sua contribuição ao ensino de Língua Portuguesa. Não é de provocar estranheza, por exemplo, a nova edição da *Moderna Gramática Portuguesa*, em que o autor apresenta significativa remodelação não só na estrutura da gramática como também na inserção de teorias linguísticas para dar conta dos fenômenos de linguagem.

Nesse sentido, podemos afirmar que são de grande importância suas observações, pois como conhecedor das inúmeras correntes linguísticas da época, ele se mantém filiado à NGB, apresentando-nos outras possibilidades de leitura de diferentes autores. Na página 172, podemos vislumbrar uma dessas leituras que nos serve como exemplificação:

3 Texto na íntegra disponível no link <http://www.novomilenio.inf.br/idioma/20000704.htm> acesso em 12 fev. 2021.

4 Entrevista na íntegra disponível no link <http://www.novomilenio.inf.br/idioma/20000704.htm> acesso em 12 fev. 2021.

OBSERVAÇÃO: Estas expressões alternam com as de preposição ‘a’ “... se lhe não despedaçou membro por membro o corpo em tão miúdos retalhos, que os **desse a comer**, como ele dizia às aves. ANTÔNIO VIEIRA, Sermões, VIII, 270)”. MÁRIO BARRETO, entretanto, parece entrever aqui uma imitação do francês: “A preposição à entre donner e infinitivo equivale a de: Donner à boire e à manger, dar de comer e beber. (...) Nessas construções dar de comer, dar de almoçar, dar de mamar, pedir de beber, pedir de almoçar, ganhar de comer, o complemento formado por ‘de’ e um infinitivo é, na sua origem, de caráter adjetivo. ...

São inúmeras as suas obras: *Na Ponta da Língua, volumes 6 e 7*, publicadas pela editora Lucerna; *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*; *Gramática Escolar da Língua Portuguesa com exercícios e respostas*; *Para Segismundo Spina: Língua, Filologia e Literatura*; *Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade?* publicada pela editora Ática; *Investigações Filológicas*; *Lições de Português: pela Análise Sintática*, e *Moderna Gramática Portuguesa*, ambas publicadas pela editora Lucerna, sendo que *Lições de Português: pela Análise Sintática*, já foi revista e ampliada e, em 2001, encontrava-se em sua 37ª edição, permitindo que os professores especialistas da área ou não a tomem como livro de cabeceira, pois ela é ampla e abrangente. Sobre ela afirmou o acadêmico Antônio Felício Olinto, em 04 de julho de 2000:

Só há um homem que, no Brasil, compreende este ritmo (do ritmo da língua portuguesa- anotação dos autores), é Evanildo Bechara. Mas não só isso, porque ele é lexicólogo, gramático, professor emérito, no sentido autêntico da palavra, não só no sentido oficial, e escreveu uma moderna gramática portuguesa, que é a melhor que tivemos, não nos últimos quinhentos anos, mas nos últimos cinquenta. Do meu tempo de estudar a língua de que eu viria mais tarde a ser escravo, que é a língua portuguesa, me lembro de todas aquelas gramáticas das décadas de 30 e 30, e o entusiasmo com que mergulhava nelas. Apesar de ter chegado a esta vetusta idade, mergulho na gramática de Evanildo Bechara e ali vou encontrar o fluxo normal, o

ritmo, a beleza e as explicações precisas e ... língua que é a minha, que fez o meu país, e que faz o nosso país, neste tempo.⁵

Devemos ainda, mencionar a face do filólogo Evanildo Bechara que conheceu e conhece com profundidade toda a questão histórica da Língua Portuguesa com base em estudos latinos, gregos e de diversas outras línguas românicas ou não, como o alemão. No texto que selecionamos “*Aspectos da etimologia do português. Por que segunda-feira em português?*” apresentamos um excerto que julgamos peculiar para os conhecimentos de nossa língua em relação a outras línguas latinas, de acordo com Bechara (in Batos, 2004, p. 15):

Aquele que entra em contato com outras línguas, quer românicas, germânicas ou célticas, comparando-as com a língua portuguesa, cedo se dá conta de que nosso idioma se distingue da maioria das outras por usar, na denominação dos dias da semana, o substantivo *feira*, de segunda a sexta, enquanto as outras continuam com antigas formas pagãs, correntes desde sempre no latim. Assim, enquanto usamos em português *segunda-feira*, *terça-feira*, *quarta-feira*, *quinta-feira* e *sexta-feira*, o espanhol, tão próximo de nossa língua em tantíssimos aspectos do léxico, emprega, respectivamente, *lunes*, *martes*, *miércoles*, *jueves* e *viernes*. Se passarmos a outra língua irmã do português pela comum procedência latina, o francês, encontraremos *lundi*, *mardi*, *mercredi*, *jeudi* e *vendredi*. Se dermos mais um passo ainda em território lingüístico românico, vamos encontrar no italiano formas que patenteiam o íntimo parentesco com o francês e mais afastadas do espanhol, mas com as mesmas marcas da presença do paganismo nessas denominações: *lunedì*, *martedì*, *mercoledì*, *giovedì* e *venerdì*. Fácil é concluir que o elemento *di* do francês e o *di* do italiano é o substantivo latino *dies* “dia”, elemento que no espanhol *el día lunes* acabou por se suprimir, à semelhança do que fazemos com *feira* quando dizemos *a segunda esteve chuvosa* por *a segunda-feira esteve chuvosa*. É bem verdade que houve a tentativa de introduzir-se na Espanha a construção com *feria* e até em território leonês,

5 Texto na íntegra disponível no site <http://www.novomilenio.inf.br/idioma/20000704.htm> acesso em 10 fev. 2021.

ao norte e na Galiza, aqui especialmente com *sesta feria* e variantes por *viernes*, não tão corrente como em português. Na história do espanhol ocorreu ainda uma alteração lingüística interessante em que se patenteia que as formas discordantes de uma série acabam, por analogia, acertando o passo com as demais, sob o peso da influência da maioria. O latim *dies lunae* “o dia da lua”, bem como *dies mercurii* “o dia de Mercúrio” não poderiam corresponder a *lunes* e *miércoles* do espanhol, se atendessem às normas de fonologia histórica do idioma; seus representantes, se assim procedessem, seriam *lune de lunae* e *miércore de mercurii*, somente por hipótese, porque tais formas nunca existiram na língua de Cervantes.

Suas observações acuradas a respeito do uso de expressões utilizadas em qualquer nível de fala e constantes em nossas vidas como os dias da semana, formas tão diferentes em relação a outras línguas românicas e, para tais diferenças, são mostradas explicações importantes e claras para todos os estudiosos de Língua Portuguesa ou de qualquer outra língua que note as diferenças lingüísticas entre as línguas neolatinas.

Ainda há a complementação das explicações:

E agora chegou a ocasião de entrarmos na explicação do porquê da *segunda-feira*, *terça-feira*, etc. até a *sexta-feira* em português, inovando, assim, em face das denominações pagãs vivas nas suas irmãs românicas.

O passo inicial foi dado pelo repúdio que devem ter sentido os cristãos em continuar usando para os dias da semana os nomes pagãos que apadrinham essas denominações. Uma primeira e penosa vitória já tinham alcançado com a implantação de *sábado* (em vez do antigo *Saturni dies*) e *domingo*; uma, relíquia dos judeus, a outra, do tesouro próprio. Era necessário, portanto, não esmorecer e continuar a campanha em busca do apagamento das reminiscências desses “nomes sordidíssimos”, como lhes chamou São Cesário.

A proposta da Igreja consistia em continuar com o sistema enumerativo – já praticado pelos judeus e árabes, portanto já difundido em grande parte do mundo conhecido, bem como aceito por diversos cristãos –, acrescentando ao número a palavra *feira*. E qual seria o significado deste termo *feira*?

É opinião geral entre os estudiosos que foi do papa Silvestre, depois São Silvestre, a proposta no século IV, de que a semana cristã se pautasse pelo modelo *ordinal + feira*. Em suas obras, vários autores cristãos insistiram na proposta do papa Silvestre, mas a verdade é que, apesar de adotarem o Cristianismo, a semana dos povos de línguas românicas não abdicou de todo à nomenclatura astrológica pagã, espelhando uma mescla de dois sistemas; a Igreja conseguiu introduzir nos hábitos do povo os nomes cristãos... (idem, p. 22)

Observações de grande pertinência para as questões político-religiosas que permearam todo o percurso da história das línguas românicas, com todas as influências de inúmeros povos que estiveram em território espanhol, italiano, francês, português, rumeno, sardo, conquistando e impondo elementos de sua cultura, de sua língua a todos os que tiveram contato com romanos, celtas, iberos, bárbaros, árabes etc. E assim adotamos a palavra *feria* que veio da seguinte acepção:

passou a significar, entre os primeiros cristãos, o dia que não fosse domingo e, na tentativa de desbancar os antigos nomes dos dias da semana planetária sentidos como ligados a divindades pagãs, assumiu praticamente o significado de “dia de trabalho”, “dia útil”, substituindo, como vimos, o *sabbati* (em vez de *segunda sabbati* passou-se a referir *feria secunda* ou *secunda feria*, e assim por diante até *sexta feria*). (ibidem, p.23)

E para finalizar, selecionamos um manifesto a favor do Acordo Ortográfico de 1990, publicado originalmente no Portal Galego da Língua⁶ em que o professor Evanildo Bechara tece considerações em torno do Manifesto-Petição dirigido ao senhor Presidente da República e aos Membros da Assembleia da República contra o Novo Acordo Ortográfico de 1990, durante o 3º Encontro Açoriano de Lusofonia, ocorrido de 08 a 11 de maio

6 Texto na íntegra disponível no link <https://www.academiagalega.org/academia/info-atualidade/item/1621-evanildo-bechara-promove-texto-a-favor-do-acordo.html>, acesso em 12 fev. 2021.

de 2008, na Ilha de São Miguel. No texto, Bechara traz um histórico dos Acordos estabelecidos desde o século XIX, criticando aqueles que afirmam ser a proposta “mal concebida e desconchavada” e pondera:

Ora quem faz a história crítica das diversas propostas da reforma ortográfica em Portugal percebe claramente que elas construíram um macrotexto a partir do estudo inicial de Gonçalves Viana e Vasconcelos Abreu, entre 1885 e 1886, passando pelo livro seminal ortografia Nacional, de Gonçalves Viana, saído em 1904, referendada pelo governo português, consoante proposta assinada por um grupo dos mais conceituados filólogos da época, onde luziam os nomes de J. Leite de Vasconcelos, Gonçalves Viana, Carolina Michaëllis de Vasconcelos, A. G. Ribeiro de Vasconcelos, entre outros

Segue defendendo o Acordo em suas bases científicas para “o estabelecimento e progresso das ciências da linguagem” e questiona:

Pelas mesmas razões até aqui exaradas, não se há de aceitar a crítica, segundo a qual a reforma peca por apresentar-se “sem critério de rigor”. Pode dizer-se, em sã consciência de uma reforma que não se caracteriza pelo critério de rigor, quando essa mesma reforma, publicado o texto de 1986, acolhe as críticas e sugestões que lhe chegaram ao conhecimento, e as incorpora, quando possíveis, à nova redação de 1990?

Vale ressaltar o caráter político de seu posicionamento ao afirmar que

Toda a motivação que tem justificado as sucessivas reformas ortográficas insiste em que elas pretendem garantir a defesa da língua e facilitar o estudo e ensino do idioma. Por isso, também parece não caber à presente proposta a declaração exarada no Manifesto-Petição de que ela é, “nas suas prescrições, atentatória da defesa da língua. As falhas que se podem apontar no Acordo Ortográfico, facilmente sanáveis, não devem impedir que a língua escrita portuguesa perca a oportunidade de se inscrever no rol daquelas que conseguiram unificação no seu sistema de grafar as palavras, numa demonstração de consciência da política do idioma e de maturidade na defesa, difusão e ilustração da língua da lusofonia.”

Concluimos nosso trabalho, afirmando que Evanildo Bechara caminhou ao longo destes anos, sempre com espírito de pesquisador. O gramático, incansável em suas leituras, transpõe seus conhecimentos com muita pertinência e clareza em seus livros e artigos que nunca ficaram estagnados, sendo constantemente revistos e ampliados na ânsia de ao chegar às mãos do professor que tem com a tarefa de ensinar ao aluno a “língua exemplar”, também presente na gramática. Inserido em seu tempo, seu papel político como professor também se nota quando ao se manifestar acerca de temas polêmicos que envolvem o debate sobre o ensino de língua portuguesa. O leitor que tiver a sorte de lê-lo e acompanhar os seus avanços perceberá que a língua é dinâmica, viva e nos leva a profundas reflexões.

O professor gramático afirma, entre tantos outros falares por nós já apresentados que: embora haja essa variedade de normas nos vários países, devemos considerar também a existência de outras tantas normas dentro de cada um cada um deles separadamente, e, assim, de variedade em variedade formam-se as línguas e as culturas de todos os países, que devem ser respeitadas e observadas devidamente pelos professores pesquisadores dos diversos cantos lusófonos interessados em nossa Língua Portuguesa, utilizada por duzentos e dez milhões de falantes. E devemos mencionar o professor Evanildo Bechara⁷:

Nenhum modo de falar é correto em si mesmo. É correto porque existe, historicamente. Da mesma maneira nenhum modo de falar é por si exemplar. É exemplar porque foi eleito, ou por tácita adoção dos falantes, ou pela ação de gramáticos ou academias empenhados na política do idioma e na homogeneidade idiomática. Elege-se a exemplaridade ou o modo exemplar, em nossas comunidades, como o modo de falar das pessoas cultas, por representar o nível mais alto da língua comum. Como a língua comum pode apresentar variedades, a língua exemplar pode desenvolver normas regionais, especialmente nas línguas faladas em

7 Texto na íntegra disponível no link <http://www.novomilenio.inf.br/idioma/20000704.htm>. Acesso 12 fev 2021.

vários países. Assim, temos uma norma exemplar para Portugal e outra para o Brasil; entre brasileiros, podemos contar, por exemplo, com uma norma do Rio de Janeiro e outra de São Paulo.

Deixa-nos, assim, a sábia lição de que a língua é viva e que só teremos uma sociedade livre quando os falantes dela se apropriarem dela como reais *políglotas na sua própria língua*.

Referências

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª. Ed. Revista e Ampliada, Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

_____. **Lições de Português pela análise sintática**. 17ª. Ed. revista e ampliada com exercícios resolvidos, Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. **Ensino da Gramática: Opressão? Liberdade?** 11ª edição. São Paulo: Ática, 2004.

_____. “Aspectos da etimologia do português. Por que segunda-feira em português?” In BASTOS, Neusa Barbosa. (org.) **Língua Portuguesa em calidoscópio**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2004. pp.15-26.

_____. “Primeiros ecos de Ferdinand de Saussure na gramaticografia de língua portuguesa”. In BASTOS Neusa Barbosa (org.). **Língua Portuguesa: história, memória e intersecções lusófonas**. São Paulo: EDUC-IPPUCSP, 2018. pp.333 – 978-

_____. Manifesto-Petição dirigido ao senhor Presidente da República e aos Membros da Assembleia da República contra o Novo Acordo Ortográfico de 1990. Disponível no link <https://www.academiagallega.org/academia/info-atualidade/item/1621-evanildo-bechara-promove-texto-a-favor-do-acordo.html> acesso 12 fev.2021.

CAVALLET, Valdo. “Os desafios da educação no Ensino Superior e a avaliação da aprendizagem”. IN: *Reunião anual da Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior*. Porto Alegre: Abeas, 1999.

COSERIU, Eugênio. “Sistema, norma e fala”. In **Teoria da linguagem e linguística geral**. (cinco estudos) Rio de Janeiro: Presença/Ed USP, 1979, p 13-85.

DUARTE, Sirlene. “A noção da norma linguística segundo Coseriu”. In *Linguagem - Estudos e Pesquisas*. UFG/Campus Catalão. Vols. 2-3, 2001, p. 155-164.

MOVIMENTO NACIONAL EM DEFESA DA LINGUA PORTUGUESA – Norma culta e democratização do ensino. Disponível no link: <https://www.novomilenio.inf.br/idioma/index.html>, acesso 13 fev. 2021.

PIMENTA, S. G. & ANASTASIOU, L.G. C. **Docência no ensino superior**. Vol. I. São Paulo: Cortez, 2002